

## A Beleza dos Amigos

---

Era um final de manhã aquecido por um sol precioso, um sol que brilhava lá no alto e espalhava alegria pela natureza. De tal maneira fazia vibrar o colorido das flores que até apetecia abraçá-las a todas e ficarmos também pintalgados com as suas cores. No campo, os jardins conseguem facilmente ter as mais variadas espécies de plantas e flores, o que é ótimo para os animais que precisam delas para sobreviver. Um desses jardins, grande, alegre o centro daquela aldeia onde já todos sentiam a chegada da primavera. Que o digam as borboletas, saltitando no ar com as asitas a dar a dar, aproveitando aquela brisa quentinha para as levar de flor em flor.

Porém, uma dessas borboletas ainda não tinha parado. Era Giulita, uma das mais novas e um bocadinho mais irrequieta que o normal. Voava para um lado e para outro à procura de algo especial. Quando descobriu, voou então até uma zona onde havia muitas flores iguais. Eram as suas flores preferidas – malmequeres! Tinha uma atração especial pelos malmequeres brancos com centro amarelo. Finalmente pousou num e ali ficou, feliz, juntando os seus tons de azul às cores do malmequer.

Bem, mas aquela calma não durou muito. Giulita sentia o barulho de ervas a mexer. Espreitou lá cima da flor tentando perceber o que se passava. Olhou para aqui e para ali e... alto! Pareceu-lhe vislumbrar uns olhitos que brilhavam por entre as ervas e mexiam nervosamente.

“Ei! Aí em baixo! Está aí alguém?”, avançou. Nada. Ninguém respondeu.

“U-uuuuuu! Quem está aí?” As ervas mexeram ligeiramente outra vez. “Podes aparecer...” voltou a dizer.

Desta vez algo aconteceu. Primeiro uma patinha calcou parte das ervas. Depois apareceu um narzinho rosa seguido duns olhitos brilhantes. Quando se chegou mais à frente um pouco apareceram umas orelhas da cor do nariz. Agora sim, Giulita já podia ver o ar assustado dum ratito que olhava a medo para cima.

“Não tenhas medo. Não te vou comer!”, deu uma risada. “Que foi, o rato comeu-te a língua?” E continuou a dar gargalhadas infundáveis por causa do que tinha acabado de dizer ao ratito. Depois de tanta galhofa foi parando de rir de forma a poder recuperar o fôlego.

“Pronto...”, ouviu-se finalmente a voz do rato.

“Ah... disseste qualquer coisa.”

Após uma curta pausa o rato continuou, “Sim, tiveste muita piadinha com essa tua graça”.

“Ora, não foi com intenção de te tratar mal. Era mais para meter conversa... Parecias tão assustado.”

“Bem, normalmente é comigo que se assustam. E que fogem. Mais vale andar escondido”, confessou o ratito.

A borboleta pensou por momento naquilo que acabara de ouvir e concluiu que este rato, para se esconder, não podia ter muitos amigos.

“Bom, deixa que me apresente: eu sou a Giulita. E tu como te chamas?”

“Eu sou o Bolinha”, apressou-se o rato a responder.

“Muito bem. Pois, de mim, não tens que te esconder. E acho que também não devias fazê-lo com os outros. Não tens razão para isso”, disse Giulita cheia de convicção.

“Pois, para ti é fácil dizer. Tu és bonita, colorida e toda a gente gosta de te ver. Já comigo é diferente. Quem é que quer meter conversa com alguém feio como eu? Ninguém. E muito menos fazer amizade.”

“Ora, ora”, Giulita abanou a cabeça, “não estás bem a ver a coisa Bolinha... Quem te disse que eras feio? Já te viste bem ao espelho?” E argumentou: “Tens uns olhitos vivos, brilhantes, dão-te um ar de inteligência. Depois esses bigodes elegantes, brancos, coisa fina! Pronto, não és assim... colorido, mas esse tom bege no pelo não está mal. E depois, depois...”

“Sim?” disse o Bolinha ansioso.

“Bem... depois esse narizito cor de rosa! Ai! Dá cabo de mim!” E revirou os olhos, como se fosse a coisa mais bonita que alguma vez vira.

Naquele momento Bolinha estava parado a olhar para a borboleta, de boca aberta, sem conseguir dizer uma única palavra. Nem acreditava que alguém, alguma vez, lhe dissesse uma coisa tão bonita. E Giulita avançou:

“Alôôô! Acorda! Parece que te vai dar uma coisinha má.”

“Na... na... não. Nunca ninguém me disse que era bonito... Nem sei que pensar...”

“Pois não penses. O teu problema é pensares demais”, afirmou a borboletinha. “Tens é que te mostrar. Andar confiante, narizeta para cima e mostrares o teu ar inteligente. Sabes, todos os seres vivos são bonitos, cada um à sua maneira. E só não vê quem não quer ou for burro. Ups! Sem desrespeito pelos nossos amigos burros.” E continuou, “Não precisamos todos de ser coloridos ou mesmo elegantes para sermos amigos uns dos outros.”

Bolinha pensou brevemente no que acabara de ouvir e começou logo a sentir-se muito melhor consigo próprio. Realmente porque havia de se esconder? Era um bichinho tão válido como qualquer outro. E assim decidiu que a partir de agora não ia esconder-se mais. Com toda a certeza que ainda ia fazer muitos amigos. E por falar em amigos...

“Tens razão Giulita. Vou passar a fazer como dizes. Sou rato e tão importante como os outros.” Fez uma pausa, ganhou coragem, olhou a borboletinha e perguntou: “E tu Giulita, queres ser minha amiga?”

“Não sejas tonto, Bolinha. Depois desta conversa toda já sou tua amiga! Sempre que vier aqui ao jardim podemos ver-nos e conversar. É como te conhecesse há bués, meu amigo!”

E dito isto, bateu levemente as asitas, elevou-se acima do malmequer e voou de encontro às restantes companheiras. E todas juntas partiram para outro jardim bonito, tão bonito como todos os animais que lá viviam.